

escalada. Nunca recuar, mas avançar sempre. Chorar, por vezes, porque a lágrima é suor do coração em testemunho de fé purificadora, mas nunca desaninar ou aderir às perturbações que, frequentemente, nos convidam à queixa e ao desequilíbrio à margem da senda que se nos abre às realizações.

Saudamos, em sua presença e na presença da companheira que lhe partilha a obra de amor e verdade, a presença de irmãos que retornam ao próprio lar. Com o lume da alegria e da confiança, nós, os companheiros desencarnados, dos que lhes recebem a carinhosa visita, temos constantemente de repetir-lhes no abraço jubiloso: "Irmãos queridos, em todo tempo estaremos reunidos no domicílio de nossas aspirações, compartilhando a mesma tarefa, na mesma vibração de fraternidade e de esperança".

Entreguemo-nos ao trabalho do bem na segurança interior de nossa fé. Ofereçamos ao Senhor o melhor de nossas vidas e estejamos seguros de que o Senhor jamais nos relegará para fora de sua bênção.

Irmãos queridos, caminhamos de corações entrelaçados na subida áspera e luminosa em direção aos objetivos supremos dos nossos ideais, e que Deus nos inspire, esclareça, guarde e abençoe.

Emmanuel

Reformador | Setembro de 1980

FALANDO AO BRASIL



Fim do milênio. Anoitece.
Fo fulvo céu do Oriente,
Fa sombra avança envolvente,
Surgem sinistros bulcões;
No alto, lampejam raios,
O ódio se descortina,
Lembrando cinza e ruína,
Tumultos... Gritos... Canhões...

Permanece o grande embate:
O direito e a força bruta.
É Sócrates e a cicuta,
Jesus ante Barrabás...
Desde a Suméria distante,
De Ur ao fulgor do Egito,
O mundo rola em conflito,
Ganha a guerra e perde a paz.

Agora, porém, na Terra
Sem a fé age a Ciência
Nas grimpas da inteligência
E apoia o estranho festim;
O cérebro – águia cativa,
Obedecendo ao mais forte
Exalta o poder da morte
E aperfeiçoa Caim.

No parque dos armamentos,
Bombas de vários matizes
Querem lauréis infelizes
Em máquinas de terror;
Rente ao fogo que dormita,
Escuta-se, a cada hora,
A humanidade que chora
Perante o abismo a transpor.

Por isso, Brasil, enquanto
Nas urzes do sofrimento
Sopra o ciclone violento,
Temor e desolação
Levanta o próprio futuro
No trio que te ilumina:
Justiça, escola e oficina
Burilando o coração.

Falando aos nossos amigos,
Ante a grandeza que estampas,
Vozes suplicam das campas
Na bênção do eterno Pai:
– Bravos filhos do Cruzeiro,
O tempo não nos espera.
Ante o sol da Nova Era,
Uni-vos e trabalhai!

Recordemos a epopeia
Dos antigos bandeirantes,
Conquistadores gigantes,
Plantando o país no chão,
E os nobres inconfidentes
Atormentados, em bando,
Mortos-vivos, mas buscando
A paz da libertação.

Ide e criai vida nova
Onde o atrito sobrenade,
Mantendo a fraternidade
Que o vosso gênio produz,
Dizendo a todos os povos,
Na luz que se vos descerra,
Que, em qualquer luta, na Terra
O vencedor é Jesus.³

Castro Alves

Reformador | Maio de 1982

³ Segundo consta do original, o poema foi recebido no Centro Espírita União (CEU), em São Paulo, capital, em 14/10/1981. Nessa mesma reunião festiva, na sede do CEU, onde Chico Xavier lançara dois novos livros, por iniciativa de sua tia-avó Nair Machado Paschoal, Geraldo Lemos Neto, editor da Vinha de Luz Editora, teve a imensa alegria de trabalhar no evento e, ao final, pôde abraçar Chico Xavier pela primeira vez nesta existência, num reencontro inesquecível aos seus corações.